



**FUTSAL PARA CEGOS:
ESTUDO DOS MOTIVOS DE CAPTAÇÃO E PERMANÊNCIA NA PRÁTICA ESPORTIVA
ADAPTADA**

Leandro Silva Vargas
Deninson Nunes Ferenci

RESUMO

Este estudo tem como temática os fatores motivacionais que levam deficientes visuais à prática do futsal. Tanto na perspectiva dos praticantes quanto das Instituições que promovem o esporte adaptado. O estudo tem como objetivo investigar a implementação de políticas de inclusão social por meio do esporte adaptado, além de analisar os limites e possibilidades de inclusão social para pessoas com deficiência visual na prática do esporte adaptado futsal. O trabalho possui uma perspectiva metodológica qualitativa do tipo etnográfica. Por meio de questionários, observações e entrevistas abertas, buscou-se investigar as características socioeconômicas e demográficas dos participantes, bem como suas trajetórias e contextos familiares. Foi possível perceber que os participantes acreditam que a prática esportiva pode ser uma maneira de serem reconhecidos de forma mais ampla pela sociedade. É um momento em que podem demonstrar habilidades e buscar espaços de reconhecimento pessoal. Percepção de serem reconhecidos como cidadãos por intermédio da afetividade como fator integrador no ambiente esportivo e deste com a sociedade.

Palavras-chave: *desporto adaptado, inclusão social e motivação.*

ABSTRACT

This paper studies the motivational factors that lead persons with visual impairments to play futsal (indoor soccer). From the perspective of both the athletes and the institutions that promote disabled sports, the study aims to investigate the implementation of social inclusion policy through adapted sports, in addition to analyzing the limits and possibilities of social inclusion for persons with visual impairments in the practice of disabled futsal. The study was carried out from a qualitative methodological perspective of the ethnographic variety. Through questionnaires, observations and open interviews, it sought to investigate participants' socio-economic and demographic characteristics, as well as their careers and family contexts. It was possible to see that the participants believe practicing sports can be a way to gain broader recognition from society. It is a time when they can show their abilities and search for spaces of personal recognition. A perception of being recognized as citizens through affection as an integrating factor in the sports world and from this to society as a whole.

Key words: *Disabled sports, social inclusion and motivation.*



RESUMEN

El asunto de este estudio es analizar los factores motivacionales que llevan a los deficientes visuales a practicar futsal. Tanto desde el punto de vista de los practicantes como de las instituciones que promocionan las prácticas paradesportivas el estudio tiene por objetivo investigar la implantación de políticas de inclusión social por medio del deporte adaptado, además de analizar los límites y las posibilidades de inclusión social para las personas con deficiencia visual en la práctica del paradesporte futsal. El estudio adopta una perspectiva metodológica cualitativa del tipo etnográfica. Por medio de encuestas de opinión, observaciones y entrevistas abiertas, se buscó investigar las características socioeconómicas y demográficas de los practicantes, así como sus trayectorias y contextos familiares. Fue posible notar que los practicantes creían que la práctica deportiva puede ser una forma de ser reconocidos de una manera más amplia por la sociedad. Es un momento en que pueden demostrar habilidades y buscar espacios de reconocimiento personal. La percepción de ser reconocidos como ciudadanos por medio de la afectividad como factor integrador en el medio deportivo y desde él hacia la sociedad.

Palabras clave: Paradesporte, inclusión social y motivación.

Introdução

O eixo deste estudo tematiza ‘A Inserção Social dos Portadores de Necessidades Especiais por meio do desporto adaptado’, na modalidade de futsal para pessoas com deficiência visual, e Associação de cegos do Rio Grande do Sul – (ACERGS) como promotora dessa atividade.

A pesquisa em questão problematiza os limites e possibilidades de inclusão social das pessoas com necessidades especiais, participantes de atividades esportivas regulares, assim como as suas relações com os grupos que freqüentam: família, escola e trabalho.

O objetivo central é avaliar como o para-desporto se processa como fenômeno social, através da disponibilização dessa prática junto aos praticantes de futsal para pessoas com deficiência visual, como estão sendo oportunizados os espaços das práticas desportivas, recreativas e de competição, como o esporte adaptado pode prevenir e promover o desenvolvimento da saúde física, colaborar para uma melhor integração entre a pessoa com deficiência e a família, a inclusão social e cultural, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, além de alimentar, com subsídios, outros programas que venham a surgir, enfocando este tema.

Foram verificadas como são promovidas as atividades para-desportivas recreativas e competitivas no referido grupo. Investiguei como ocorre a democratização ao acesso às atividades físicas, com a inclusão de pessoas com necessidades especiais de diferentes níveis sócio-econômicos e faixas etárias. Nesse sentido, foi averiguado como ocorrem as relações das PCNEs consigo, com os demais e com o mundo. Também foi descrito e interpretado como ocorre a organização das estruturas, do desenvolvimento dos treinamentos, e o envolvimento dos portadores de necessidades especiais nos eventos esportivos. Sem deixar passar despercebido como ocorre a participação e o envolvimento dos



protagonistas do estudo nas rotinas e eventos desses projetos, relacionando as suas facilidades e dificuldades de participação.

Projetos como esses, ligados ao para-desporto, poderão proporcionar a construção de conhecimentos na área das Ciências Sociais, voltados à educação para a saúde, desencadeando novos processos de construção do conhecimento, como também, na Pedagogia do Movimento Humano, vinculado às demandas solicitadas por esse público que possui restrições físicas, mentais e sensoriais temporárias e/ou permanentes.

Desporto adaptado, inclusão e sociedade

Para Duarte (2005), nas últimas décadas, o termo “inclusão” vem ganhando destaque. Esse termo constitui palavra de ordem nas lutas sociais das pessoas consideradas “excluídas” pela deficiência, etnia, gênero ou outras formas. Sendo assim, ocorre o desvio dos padrões impostos pela estrutura econômica e social sem deixar passar despercebida a exclusão “velada”, aquela em que se deixa passar sem se dar a devida atenção, como algo que não acarreta exclusão social, como é o caso enfrentado pelas pessoas portadoras de deficiência, que só vem sendo tratada com seriedade na última década.

Desse modo, a ambiguidade e abrangência do conceito de exclusão social que fazem dele um *mot valise*¹ como salientam Edgar Morin e Robert Castel, fazem com que seja amplamente utilizada para destacar o papel de fatores sociais e processos institucionais, que levam à pobreza e à privação, e, principalmente, à injustiça social. Além disso, a noção de exclusão social transfere a responsabilidade pelas circunstâncias adversas do plano individual para processos societários e institucionais que, ao imporem obstáculos ao desenvolvimento de determinados indivíduos e grupos sociais, restringem seu acesso à plena participação na vida social, econômica, cultural e política.

Conforme Duarte (2005), a busca pela sociedade igualitária onde “[...] as diferenças, a diversidade, a cooperação, a qualidade de vida [...] e o direito de pertencer estejam sempre presentes é antagônico à ordem econômica colocada pelo capitalismo, onde predominam a competição e a lógica de mercado” (p.27). No entanto, existem esforços dos organismos internacionais para que ocorra a inclusão de pessoas com deficiências. No Brasil, um exemplo do que foi mencionado acima, esta normatizado na Constituição Federal/88, entres outros documentos, que definem as questões de acesso e acessibilidade às pessoas com deficiência, seja no campo da educação, trabalho e inclusão social. Nessa perspectiva, pode-se considerar que a intenção da ‘inclusão social de pessoas portadoras de deficiências’ por parte dos governantes é grande, havendo esforço para que o processo tenha sucesso, já que a justiça social estará na origem da convivência.

Argumenta Duarte (2005), a respeito da Inclusão, Acessibilidade e Redes Sociais que se deve levar em conta que inclusão é um sentimento ou uma percepção pessoal e intransferível, muitas vezes difícil de ser mensurada. “As pessoas se sentem incluídas ou não. O sentimento de estar incluído, embora possa ser freqüente, não ocorre todo tempo em todas as situações de vida” (p.28). Pode-se considerar, também, que surgem situações desagradáveis que provocam, em maior ou menor intensidade, certa frustração.

¹ Literalmente “mala” ou “valise”, ou seja, um conceito que é usado para fazer referência a uma série de situações diversas. [nota dos autores]



A inclusão e a exclusão social não são fenômenos isolados. Eles são encontrados no contexto específico de cada cultura. Vale atentar ao fato econômico por trás dos movimentos inclusivos, considerando principalmente os países considerados periféricos, como o Brasil.

Argumenta Duarte (2005), que se de um lado decretos e leis estabelecem responsabilidades aos governos e à sociedade como um todo, favorece a conscientização, pelo tecido social, sobre os direitos dos “excluídos”. Por outro lado, no Brasil, não existe ainda uma rede de apoio para atender, adequadamente, as necessidades de todos. É mister considerar que a inclusão apresente uma rede de suporte em várias áreas como: acesso e acessibilidade à saúde, educação, assistência social, transporte, justiça, entre outros. E não fique restrito a questões no campo da educação, como é colocada frequentemente. Portanto, “[...] para que o processo de inclusão aconteça é necessário que as redes sociais estejam preparadas (escolas, unidades básicas de saúde, centros comunitários, entre outros)” (p.28). Este processo envolve uma rede, que deverá procurar dar suporte às demandas dessa população.

A inclusão social, portanto, é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade por meio de transformações pequenas e grandes nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de necessidades especiais (SASSAKI, 1997, p 42).

Estar incluído significa ter acesso a bens sociais e ter participação social efetiva. Sob esse viés, a educação física, por meio de seus conteúdos: esporte, jogos, ginástica, dança, entre outros, pode ser um meio eficiente junto a este processo. Considera-se que educação física pode colaborar de várias maneiras na vida de alunos com deficiência como: no processo de reabilitação; no “pós-reabilitação”; na transição para a vida adulta; no desenvolvimento da autonomia e da independência, entre outros. (Duarte, 2005, p.29)

Importa, neste ponto, considerar que o trabalho com educação física não deva ser relativo à categoria para que a inclusão se processe, é importante conhecer as particularidades de cada deficiência para haja uma estruturação de programas e para que se possa entender as dificuldades inerentes de cada deficiência.

A vivência do paradesporto do ganhar e perder, o sentimento de pertencimento a uma equipe, a descoberta de possibilidades motoras, a autonomia durante a prática do esporte adaptado, a cooperação, a independência seja ela na piscina seja em outros jogos adaptados, pode proporcionar sentimentos de inclusão, bem como de que as diferenças podem coexistir. Conforme Melo e Lopes (2002): “*As atividades físicas, esportivas ou de lazer propostas aos portadores de deficiências físicas possui valores terapêuticos evidenciado benefícios tanto na esfera física quanto psíquica (p.1)*”.

Para Ribeiro (2001), o avanço promovido pela inclusão está em movimento bilateral, já que tanto as pessoas como a sociedade buscam resolver os problemas, buscando em conjunto igualar as oportunidades para todos, respeitando as necessidades de cada um.

Como a inclusão passou a ser um desafio para todos os segmentos da sociedade, os profissionais da Educação Física, também inseridos nesse contexto, vêem-se diante de uma situação, que até então não era discutida, sendo, portanto, inédita e que merece atenção. Ao utilizar o termo inédito, não estou me reportando às atividades da educação física, esporte, lazer e recreação para pessoas com necessidades educacionais especiais, pois neste caso não existe inclusão. O que ocorre é a oportunidade de grupos de pessoas, que apresentam necessidades especiais, participarem entre si de algumas atividades oferecidas pela Educação Física (p. 34).

Nesse sentido, salienta a autora, o sistema inclusivo proporciona a participação de pessoas com necessidades especiais em ambientes que eram considerados exclusivos apenas para os “normais”, sob este



aspecto é mister que o profissional de educação física busque compreender o processo pelo qual a inclusão ocorre.

Nessa perspectiva, o esporte através de suas dimensões sociais, pode viabilizar uma ação inclusiva. Considerando que as “[...] atividades esportivas fizeram e ainda fazem parte do processo de construção do homem no seu meio cultural” (Ribeiro, 2001, p. 35).

A existência de objetivos pessoais que atendam às características, interesses ou ainda às necessidades individuais, tornará o esporte interessantes para todos.

O respeito às diferenças poderá gerar fontes de análises interessantes e complexas por parte de todos os presentes, criando momentos propícios para discussões a respeito da maneira como lidamos com a diversidade e como tornar possível e produtiva, para ambos, esta convivência (Ribeiro, 2001, p. 36).

Os profissionais que atuam diretamente com esporte devem buscar, segundo Ribeiro (2001), sensibilizar os pais, responsáveis, professores, alunos, esportistas, entre outros sobre a proposta inclusiva. Os envolvidos devem buscar informações, além dos livros, ou seja, com as pessoas que estão envolvidas diretamente no trabalho de inclusão e em especial com o indivíduo que tem algum tipo de limitação, podendo ali encontrar respostas para varias questões.

Conceituando motivação

Segundo CRATTTY (1983), o termo motivação denota os fatores que levam as pessoas a uma ação ou à inércia em diversas situações. De modo mais específico, o estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa atividade por longo período de tempo. Vários fatores motivam o ser humano em seu dia a dia, tanto de forma interna como externa.

Para RODRIGUES (1991), um dos principais fatores que interferem no comportamento de uma pessoa é a motivação, que influi, com muita propriedade, em todos os tipos de comportamentos, permitindo um maior envolvimento ou uma simples participação em atividades que se relacionem com: aprendizagem, desempenho, atenção. Para o autor somos todos cercados por uma constelação de valores que pode a um dado momento, levar-nos à ação ou reduzir-nos à imobilidade. Essa é uma das razões da dificuldade em mensurar a motivação de maneira precisa, principalmente se a medida depende do humor, sentimentos ou verbalizações momentâneas do sujeito. Para DAVIDOFF (2001), motivação refere-se a um estado interno que resulta de uma necessidade e que ativa ou desperta comportamentos realmente dirigido ao cumprimento da necessidade ativante. Para MURRAY (1978), motivação é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa. Motivação não é algo que possa ser diretamente observado; inferimos a existência de motivação observando o comportamento.

Um comportamento motivado, segundo BRAGHROLLI; BISI; RIZZON, et al. (2001) se caracteriza pela energia relativamente forte nele despendida e por estar dirigido para um objetivo ou meta. Já o motivo pode ser definido como uma condição interna relativamente duradoura que leva o indivíduo ou que o predispõe a persistir num comportamento orientado para um objetivo, possibilitando, a transformação ou a permanência da situação (SAWREY & TELFOLD, 1976). Motivação está associada à palavra motivo, segundo MAGGIL (2001), motivo é definido como alguma força interior, impulso, intenção, etc. que leva uma pessoa a fazer algo ou agir de uma certa forma. Sendo assim, qualquer discussão sobre motivação implica em investigar os motivos que influenciam em um determinado comportamento, ou seja, todo o



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

comportamento é motivado, é impulsionado por motivos. Assim a motivação é um termo que abrange qualquer comportamento dirigido para um objetivo, que se inicia com um motivo, esse provoca um determinado comportamento para a realização de um determinado objetivo.

A pessoa com deficiência física somente irá participar de uma atividade motora se houver um interesse de sua parte; todavia, este interesse pode ser estimulado. As pessoas sentem-se altamente motivadas quando vêem a relevância da atividade de aprendizagem em sua vida. Os portadores de necessidades especiais utilizam-se dos mesmos aspectos da motivação para o esporte, mas com diferença em relação a maiores frustrações e menor velocidade de progressão dos mesmos. Várias pessoas, que se tornaram deficientes por causa de algum tipo de trauma ou doença, já tiveram experiências positivas ou negativas com exercícios antes da deficiência. Em alguns casos, a deficiência foi causada por alguma lesão atlética. Apesar desta experiência anterior, estes portadores de deficiência sentem-se mais motivados a realizar algum tipo de atividade física do que aqueles que não tiveram tal experiência. Em relação à motivação externa, em termos gerais, as experiências com sucesso tornam mais fácil o processo de aprendizagem do que o fracasso. Pois, em diversas pessoas, as experiências negativas aumentam o nível de insatisfação de um programa de atividades resultando em abandonos. Portanto, a motivação para a prática esportiva depende da história de vida de cada pessoa e, principalmente, do incentivo dos grupos que cercam o portador: como a família, os amigos e os colegas de trabalho.

Metodologia

A pesquisa deste estudo esteve voltada para as descrições das práticas desportivas da ACERGS, especificamente as motivações para o treinamento do futsal do grupo de para-desporto futsal para cegos dessa Instituição.

O procedimento do processo investigativo foi elaborado em um marco qualitativo, que descreve e interpreta os fenômenos e as realidades vivenciadas. A modalidade metodológica para a coleta de informações foi o estudo etnográfico que permite a inserção do investigador no processo da prática investigativa, isto é, estar em conjunto com os investigados e passar a constituir a prática com o grupo. Inicialmente, foram recolhidas as características socioeconômicas e demográficas do grupo, suas trajetórias, contextos familiares e a participação no grupo. Para dar conta de aspectos relacionados às vivências cotidianas dos participantes dos projetos, empregamos, também, uma abordagem de observação participante, articulada com entrevistas abertas.

O cientista social que realiza um estudo de caso de uma comunidade ou organização tipicamente faz uso do método de observação participante em uma de suas muitas variações, muitas vezes em ligação com outros métodos mais estruturados, tais como entrevistas. A observação dá acesso a uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados, cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar, e, portanto, é um método bem adequado aos propósitos do estudo de caso (BECKER, 1999, p.118).

No processo de investigação, foi possível perceber a necessidade de colher, também, algumas informações numéricas, para isso Minayo et al (1999, p.22) argumenta que: *“O conjunto de dados quantitativos e qualitativos; porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”*.

Becker (1999), afirma que o observador-participante no processo de coleta de dados, segundo sua escolha em ser participante em caráter integral, coloca-se na vida da comunidade, podendo ver, durante certo período de tempo, aquilo que normalmente as pessoas fazem enquanto realizam suas atividades. O observador-participante registra suas observações de forma breve, depois de fazê-las. Observa os tipos de



peças que interagem umas com as outras, conteúdos e conseqüências da interação e como é discutida e avaliada pelos participantes e outros ao final de cada evento. Ele busca registrar este material de forma mais completa possível por meio de relatos detalhados de ações, mapas de localização dos indivíduos, enquanto atua com transcrições literais das conversações.

Neste estudo etnográfico, estivemos em acordo com Humphreys (1974, p.156) quando explica: “[...] que os métodos etnográficos sejam os únicos verdadeiramente empíricos para o cientista social”.

Foram realizadas observações participantes com diário de campo no período do primeiro semestre de 2008. Acompanhamos as atividades esportivas do grupo uma vez por semana. Ao final de cada atividade diária relatamos minuciosamente todas as situações ocorridas no diário de campo.

A entrevista focalizada ou aberta, segundo Becker (1999), não cumpre um roteiro pré-estabelecido, sendo que o entrevistador centra a conversa no aprofundamento de tema(s), assim, o respondente tem a liberdade de falar livremente sobre ele(s). O(s) tema(s) pode(m) ser mencionado(s) diretamente, ou conduzir de forma sutil o entrevistado em direção a ele(s) ou pode ser evocado(s) utilizando técnicas visuais, tais como quadros, pinturas ou fotos.

As entrevistas foram realizadas com todos os principais segmentos com atuação no grupo: praticantes, professores, dirigentes e familiares. O processo de coleta de informações permitiu a organização das seguintes categorias de análise e respectivos conteúdos:

Motivações visando participação na equipe de para-desporto futsal da ACERGS

Foram diferentes os fatores que motivaram os atletas a ingressarem na ACERGS. A maioria deles veio por intermédio do Instituto Santa Luzia, outros indicados por pessoas que já jogavam na equipe. Mas que fator motivacional foi predominante para os atletas começarem a participar da equipe da ACERGS?

As citações a seguir confirmam que a procura do prazer de jogar futebol, bem como de ser reconhecido por realizar uma atividade - que uma pessoa sem deficiência realiza -, foi fator motivante para ingressar na ACERGS: “Cara em primeiro lugar eu sou um apaixonado pelo futebol, sempre fui, e em segundo lugar porque tenho o meu lazer, é uma forma de eu me distrair”. (atleta João)

“Bom, acho que em duas coisas no começo quando eu fiquei deficiente visual foi através do esporte que eu, deficiente visual, pude fazer o que as pessoas sem deficiência fazem e em segundo porque já tá no sangue sou apaixonado por esporte, foi daí que eu consegui me movimentar me deslocar sozinho, superei minha deficiência através do esporte”. (atleta Antônio).

Percebemos, nessas situações, uma motivação interna, da busca por satisfazer um desejo, por superar um desafio. Notamos, também, um fator externo, que são as atividades realizadas pelas pessoas sem deficiência, e o desejo interno de fazer o mesmo. Esse, também, foi um fator motivacional.

Mosquera (2000, p. 72) ratifica esses conceitos quando fala dos objetivos das Para-Olimpíadas;

São os mesmos dos que participam da Olimpíada: fomentar a amizade e o entretenimento entre todas as nações, objetivando, através do esporte, a paz. Entretanto, temos que acrescentar que, nas Para-Olimpíadas, a meta maior é o bem-estar social para todos os deficientes do mundo, a fim de conquistarem os mesmos direitos e as mesmas oportunidades dos demais seres humanos.

Percebemos que o ponto de partida para ingressarem na ACERGS foi à busca por uma atividade prazerosa, que os divertissem e, conseqüentemente, pudessem conhecer e conviver com outras pessoas.



Entre os fatores motivacionais, podemos citar a competição. Um grande número de atletas treina exclusivamente para competir. A citação abaixo pode confirmar essa afirmação;

“A competição me deixa mais motivado e ansioso para vir treinar. Só treino para competir, e esse é o principal motivo porque pratico o esporte, se não fosse isso talvez nem praticasse o esporte. Competindo conhecemos novas pessoas, fazemos viagens conhecendo assim novos lugares”. (atleta Tiago).

Esse fator motivacional é externo, ou seja, é a competição, algo criado e elaborado por outras pessoas, que o motivam a vir treinar. Obviamente, nesse contexto, existe um fator interno, mas, o mais impactante é, sem dúvida, o externo.

Em contrapartida, existem outros atletas que têm motivação diferente, como, por exemplo, a busca pela manutenção da saúde. Acreditam que praticando um esporte regularmente estarão mantendo sua saúde em boas condições. Nessas pessoas está presente, também, o prazer da convivência com os amigos.

É possível confirmar isto através da citação:

“Por entender que isso é muito importante para saúde e para dar uma relaxada porque a gente vive em uma semana sempre muito tensa, trabalho, compromissos, então eu acho que pra mim hoje o fator principal é a saúde, saúde geral, mental, clínica, física, tudo. E também a convivência com o pessoal, nós já nos conhecemos a tanto tempo e é bom estar com eles”. (atleta Lucas).

Notamos nos atletas que partilham dessa opinião uma motivação de dentro para fora. O que os motiva é o desejo de estarem bem de saúde e de conviverem com os amigos.

Mosquera (2000) nos fala da importância da realização de atividades físicas para saúde de qualquer ser humano. Nos deficientes visuais, cita a importância de praticar uma atividade física que envolva coordenação, que auxiliará, em muito, a orientação e no deslocamento dessa pessoa no dia a dia, inclusive para o uso da bengala, por exemplo. E o Futsal é uma boa atividade de coordenação.

Em uma dimensão mais ampla, Rodrigues (2006, p.30) cita;

Já na idade adulta e senil, a prática de atividades físicas, típicas da Educação Física, se caracteriza por marcantes objetivos sociais, estímulo a produção de endorfinas e aminas, assim como de uma melhor condição metabólica, muscular e articular, tão necessárias a manutenção do bem-estar emocional, prevenção ou compensação de disfunções circulatórias, articulares, posturais, respiratórias, prevenção da osteoporose e compensação da diabete, promovendo ainda a prevenção contra os males do sedentarismo, contra a depressão e o isolamento social.

Assim, podemos verificar a importância da atividade física para a saúde integral do ser humano. Dessa forma, percebemos a importância da ACERGS para essas pessoas com deficiência visual, pois têm a possibilidade de participar de um desporto adaptado às suas capacidades.

Além desses fatores, novo fator motivacional, surgido nesse ano, tem motivado os atletas a participarem dos treinamentos. Com a vinda da sede da equipe para o Centro Universitário Metodista IPA, os atletas ganharam uma infra-estrutura que nunca tiveram. Uma quadra em boas condições, facilidade de acesso, vestiários bons, acesso a piscina, acompanhamento especializado de treinamento físico. Tudo isso tem motivado sobremaneira a participação dos atletas nos treinamentos. As citações abaixo podem comprovar essa afirmação:



“O que mais me motiva atualmente é a estrutura. A nova estrutura é excelente. A rapaziada é participativa, e com essa estrutura agora ficou muito bom. Agora temos que trabalhar para trazer resultados”. (atleta Rodrigo).

“Terminado o treino todos se sentam no centro da quadra para fazer o alongamento final e começa os comentários da quadra: O Pedrão achou que o piso deste ginásio deixa o jogo mais rápido e todos concordam. Elogiaram muito a acústica do ginásio, fato que reclamavam muito no ginásio do cruzeiro. Elogiaram também toda estrutura do ambiente”. (Obs.número 5 em 01/03/2008).

Diferentes são os fatores que motivam os atletas a participarem dos treinamentos da equipe de paradesporto Futsal da ACERGS, fatores internos, externos, mas todos muito importantes. De nossa parte, ficamos satisfeitos em auxiliar, mesmo que pouco, a dar condições melhores de treinamento a esses seres humanos fantásticos, e de termos participado como agentes motivadores.

Seguindo o estudo sobre o fator motivação, vamos agora estudar os fatores que os incentivaram a participar dos jogos e competições.

Em relação à motivação para participar dos jogos, podemos afirmar que, quando há perspectiva de jogos, os treinamentos se tornam mais motivadores, e, também, com maior número de participantes. Os jogos são, com certeza, fatores que motivam os atletas a treinar.

Mas, o quê motiva esses atletas a quererem participar dos jogos? Serão fatores internos, externos? A grande motivação para participarem dos jogos é o desejo de vencer, de serem reconhecidos como capazes. Misturam-se, aí, um emaranhado de sentimentos, a vontade de ser reconhecidos, de mostrar que, também, podem, a euforia, o medo, a ansiedade etc... Aliado a esses sentimentos, que são motivações internas, existem as motivações externas, onde podemos citar: mostrar seu trabalho ao público, ganhar a premiação, troféus e medalhas.

As citações concordam com a afirmação:

“De vencer, o objetivo é sempre vencer. Não gosto de perder, ninguém gosta de perder. A motivação é vencer e trazer resultado para nossa equipe. A gente trabalha sério né, muito sério. Eu estou desde 2003, desde lá só resultados bons para nós. O último campeonato ficamos em 4º lugar, para nós não foi tão ruim assim, pois estávamos muito mal fisicamente”. (atleta Antônio).

“O deficiente visual, infelizmente, a todo dia que passa ele tem que provar para sociedade que ele pode, que ele tem condições. Esse jogo, com todo o público olhando, é uma grande oportunidade de provarmos isso. Além disso, esse grupo aqui é minha segunda família. Quanto a vencer, tu sempre entra em uma competição para ganhar, o intuito é ganhar é vencer. Mas tu não vencer faz parte do esporte, tem que aprender, a saber, perder também, faz parte da vida”. (atleta Lucas).

Aliado a esse mesmo pensamento de vencer conseguimos perceber por meio das observações tamanha é a motivação quando é a marcado de um gol. O gol que é o objetivo maior do futebol, e conseguir atingir esse objetivo significa vencer a si mesmo, superar-se, ser capaz. Notamos, assim, um grau bastante grande de motivação interna. Mas, ao mesmo tempo, marcando um gol ‘eu’ consigo estar à frente no placar, receber aplausos do público, receber reconhecimento dos colegas, do treinador, conceder entrevistas. Assim, percebemos como é grande a motivação externa para marcar um gol.



O fato é que a marcação de um gol, com toda essa mistura de sentimentos e prazer, é um fato muito comemorado entre os atletas, uma comemoração tão espontânea, tão sincera, que, por vezes, emociona. A citação a seguir demonstra o fato:

“Aos 10 minutos do segundo tempo acontece gol da equipe azul nesse jogo de apresentação aqui no CEPE. O gol é muito comemorado pela equipe, o atleta Rafael grita muito e sai pulando, correndo pela quadra em busca de seus companheiros. Todos se juntam e se abraçam, comemorando muito. O público aplaude muito, ouvem-se assobios, a empolgação é generalizada”. (Obs. número 11 em 19/04/2008).

Percebemos, também, outro fator motivacional externo, que é muito forte entre os atletas, a repercussão que as vitórias em quadra causam em suas vidas públicas, principalmente no meio profissional. Os atletas se sentem muito felizes de serem reconhecidos em seus locais de trabalho, e citam que: através das vitórias nos jogos, dos títulos conquistados, conseguem mudar a visão das pessoas que convivem no dia a dia com eles, fazendo com que as mesmas deixem de vê-los como coitados ou inferiores. Por meio das vitórias esportivas, conseguem mostrar que possuem um grande potencial, que são capazes.

A citação abaixo pode ratificar nosso posicionamento:

“Cara, através do futebol eu consegui algumas coisas na minha empresa, por exemplo, quando eu fui campeão da Copa América pela Seleção, foi colocada minha foto em uma reportagem no site da minha empresa, isso para mim é gratificante. Eu recebi uma homenagem, um troféu da empresa. Tu ser conhecido, isso é ótimo! As pessoas saem daquela mentalidade de “coitadinho dele”, e começam a pensar, não ele joga futebol! No Hospital Moinhos onde trabalho, por exemplo, logo que eu entrei algumas pessoas ficavam com aquela mentalidade a “coitadinho dele” e eu consegui mudar isso, mostrar para eles que não é bem assim, que sou capaz”. (atleta Rodrigo).

Obviamente, não podemos deixar de ressaltar a importância do incentivo da família, da motivação que a família traz aos atletas no dia a dia, mas, principalmente, nos campeonatos, nos jogos. A presença da família é fator motivacional fortíssimo para dedicação em quadra, para busca pela vitória, para estarem participando desses jogos, conforme exemplifica a citação abaixo:

“Clima tranquilo entre os atletas em relação ao jogo, mas agitação por parte dos próprios familiares que compareceram em grande número para assistir a final. As equipes se preparando. A participação de familiares em volta da quadra, incentivando a prática do futsal é grande. Alguns atletas da ACERGS mais ansiosos para disputa da final do torneio, clima de motivação é total, os familiares incentivam nas arquibancadas”. (Obs. número 4).

Com todas essas colocações, percebemos a importância desses eventos, dessas instituições e pessoas que se envolvem com esses eventos, que batalham para criar oportunidade, pessoas que, também, participem da sociedade. Por intermédio do esporte essas pessoas podem mostrar seus valores, suas qualidades. Essa motivação externa desperta outras tantas motivações internas nesses seres humanos, e auxilia a fazerem de suas vidas uma grande lição para todos os seres humanos.



Considerações finais

Os fatores que motivam os participantes a se envolverem na equipe de futsal podem ser classificados de duas formas: os externos e os internos.

A motivação interna, ou intrínseca é relevante, uma vez que motiva a busca da satisfação afetiva de seus desejos e anseios, assim os para-atletas conseguem a oportunidade de demonstrar suas capacidades e potenciais, tais como autonomia, perseverança, capacidade intelectual. Ainda, relativamente aos fatores internos, podemos notar que existem dois para-atletas no grupo que buscam apenas momentos de lazer e relações inter-pessoais, caracterizando assim a busca da satisfação interna de seus desejos. Também podemos verificar que, no grupo de participantes, existem os para-atletas que desejam participar de competições de alto rendimento, caracterizando assim o que chamo de fatores externos ou extrínsecos, ou seja, algo externo os motiva a praticar o futsal.

Tendo em vista a distinção entre os dois fatores, é possível perceber que os objetivos do grupo de para-atletas deficientes visuais vão além da busca de desenvolver a saúde, desempenhar atividade física, promover qualidade de vida ou, até mesmo, a busca de vitórias nas competições. Os participantes destacam motivações impulsionadas pelo desejo de demonstrar tudo em que são independentes, apesar de suas deficiências.

Foi possível perceber que os para-atletas deficientes visuais acreditam que a prática esportiva pode ser uma maneira de ser reconhecidos de forma mais ampla pela sociedade. É um momento em que podem demonstrar habilidades e buscar espaços de reconhecimento pessoal. Necessidades de reconhecimento como cidadãos, independentemente de serem deficientes. Poder integrar a sociedade e ser útil nela.

Quanto à categoria que diz respeito a interpretar os significados, as repercussões sociais, afetivas dos deficientes visuais na prática do paradesporto na modalidade de futsal, junto com suas unidades de análise compreendi que: as relações interpessoais e o convívio com outras pessoas que enfrentam semelhantes dificuldades fazem com que os deficientes superem e aceitem suas dificuldades, tanto físicas quanto psicológicas.

A importância do grupo, dos amigos e da família é responsável pela participação na equipe de futsal da ACERGS. É possível compreender quanto o esporte é importante na vida desses para-atletas pelos laços de afetividade que são exercitados nos encontros de treinamentos.

Referências

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 4.ed. Traduzido por Marco Estevão; Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRAGHIROLI, E. M.; BISI, G. P.; RIZZON, L. A. et. al. *Psicologia Geral*. Porto Alegre: Vozes, 21 e. d., 2001.

CRATTY, B. J. *Psicologia no esporte*. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil Ltda, 1983.

DAVIDOFF, L. (1983). *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.



DINIZ, Débora. *O Que é Deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUARTE, Edison. *Inclusão e Acessibilidade: Contribuições da Educação Física Adaptada*. Revista da Sobama Dezembro 2005, Vol. 10, n.1, Suplemento, pp. 27-30 Unicamp

HUMPHREYS, Laud. *A Transação da Sala de Chá: Sexo impessoal em lugares públicos*. In: A Observação sociológica. Matilda White Riley e Edward E. Nelson,orgs. Rio de Janeiro: Zahar 1974.

MACHADO, A. A. *Importância da Motivação para o Movimento Humano*. In: Perspectivas Interdisciplinares em Educação Física, São Paulo: Soc. Bras. Des. Educação Física. , 1995.

MAGGIL, R. A. *Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações*. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

MELO, Ana Cláudia Raposo; LÓPEZ, Ramón F. Alonso. *O Esporte Adaptado*. Disponível em <www.efdeportes.com> Acesso em: 06 Ago. 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) et al. *Pesquisa Social*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORENO, Jorge Bastos. *Preconceitos*. O Globo Online. 2007. Disponível em:<http://oglobo.globo.com/pais/moreno/default.asp?a=27&cod_blog=29&palavra=&pagAtual=4%20&periodo=200708> Acesso em: 4 dez. 2007.

MURRAY, Eduard J. *Motivação e emoção*. (1973). (3.ed.) Rio de Janeiro: Zahar.

REDAÇÃO Terra. *Deficientes encontram problemas na abertura do Parapan*. 2007. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/parapanamericano2007/interna/0,,OI1826654-EI10263,00.html>> Acesso em: 4 dez. 2007.

REIS, Tatiana. *Como Tudo Começou*. ABRADecAR, 2006. Disponível em: <<http://www.abradecar.org.br/abrad/histor.php>> Acesso em: 5 nov. 2007.

RIBEIRO, Sônia Maria. *Inclusão e Esporte: Um caminho a percorrer*. In: Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada. Temas em educação física adaptada / Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada. [s.l.]: SOBAMA, 2001.

RODRIGUES, P. A. *Motivação e Performance*. 1991. Monografia (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SAWREY, J. M. & TELFORD, C. W. *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico, 1976.



Rede Metodista do Sul. Rua Cel. Joaquim Pedro Salgado, 80. CEP: 90420-060 – Bairro Rio Branco – Porto Alegre-RS. Fone: (51) 3316.1278/97332224/. Recurso tecnológico: Power point. E-mails: Leandro.vargas@metodistadosul.edu.br; deninson.vargas@metodistadosul.edu.br